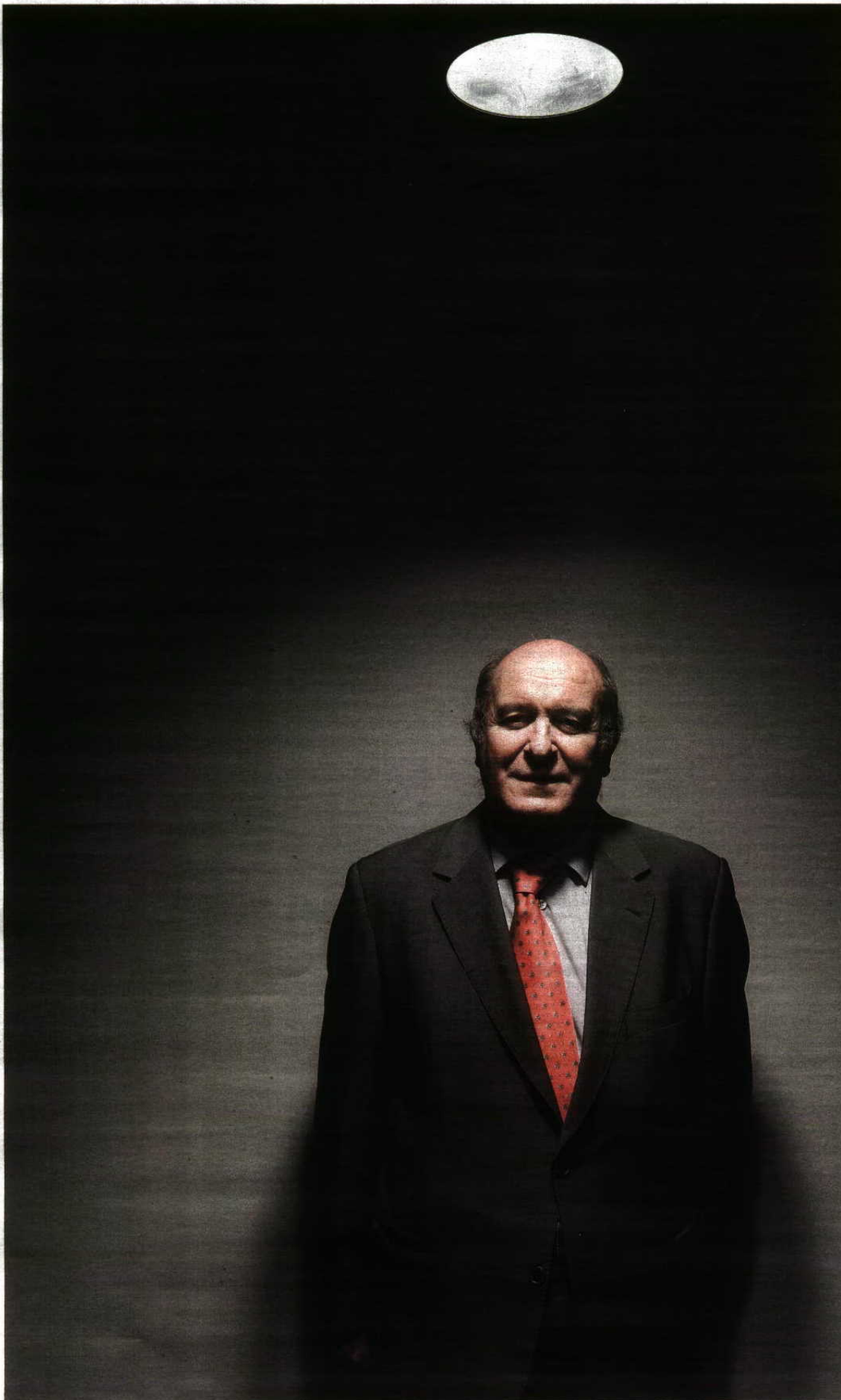




 Zoom // Entrevista



O ex-deputado do Partido Socialista Domingues Azevedo, bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, põe o dedo na ferida e, a propósito do caso BES, diz que a história está mal contada e ainda vai sobrar para o contribuinte. Critica o discurso maravilha do governo e do Banco de Portugal a favor do BES e diz que o feitiço ainda se vai virar contra o feiticeiro



Domingues Azevedo. “Ou os administradores do BES eram incompetentes ou eram mentirosos”

Com António Costa à frente do PS, o partido ganha uma nova esperança, perdida com Seguro, acredita o ex-deputado

ISABEL TAVARES (Texto)

isabel.tavares@ionline.pt

EDUARDO MARTINS (Fotografia)

eduardo.martins@ionline.pt

Foi deputado pelo PS durante 12 anos e é, desde o seu nascimento, em 2010, bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), com 73 mil inscritos, mais do dobro dos da Ordem dos Advogados, embora destes apenas 31 mil sejam profissionais que assumem responsabilidade por contas. A primeira vez que se pensou a sério na necessidade de regular o papel dos contabilistas foi em 1993, quando rebentou o escândalo das facturas falsas. Na altura, como agora, o PSD estava no poder (sozinho, não ligado), e para fazer passar o seu projecto Domingues Azevedo foi aconselhado a negociar. Acabaria por ser Rui Rio a explicar-lhe que o PSD apresentaria sozinho a sua proposta legislativa, dadas as propeções eminentemente políticas que o tema assumiu. Passos Coelho também lá estava, mas longe dos assuntos da comissão de Economia, Finanças e Plano, como então se chamava. Mais perto estava, por exemplo, Guilherme D'Oliveira Martins, agora presidente do Tribunal de Contas. A contabilidade e a auditoria já estavam na ordem do dia, mas todos estavam longe de adivinhar que, 20 anos depois, as contas continuariam a dar que falar e as falhas de um banco chamado Espírito Santo voltariam a pôr em causa um sistema imperfeito.

Muitas vezes confundem-se técnicos oficiais de contas com auditores e revisores. Mas têm papéis distintos e há uma cadeia...

Os técnicos oficiais de contas são os primeiros da cadeia e constroem a contabilidade. Recebem e classificam os documentos, dando uma organização administrativa à empresa. A responsabilidade dos auditores é aferir se a informação contabilística está ou não de acordo com a realidade patrimonial da empresa. Confirmam ou infirmam a informação da contabilidade. Os revisores, nos termos do Código das Sociedades Comerciais, têm de elaborar um parecer de revisão em que confirmam, além da auditoria, a veracidade dos números.

Qual a principal dificuldade com que se deparam os contabilistas e os técnicos de contas?

O mundo passou por uma fase que ainda está por estudar. Não é passando uma esponja por cima que os problemas desa-

parecem. Se não os resolvemos eles voltam a surgir de um momento para o outro. E temos tido muitos escândalos no mundo, um mundo onde os interesses económicos se sobrepuseram à ética e à deontologia profissional, onde os pequenos interesses-económicos foram sacrificados aos interesses e às fraudes financeiras praticadas por quem tem o poder de gestão e por quem cala e permite que essa gestão não seja denunciada.

As fraudes de que fala descredibilizam a contabilidade...

Isto não se passa só em Portugal. Cá temos o BES – e tivemos outros casos que têm sido abafados, porque se tivessem vindo a público isto tinha sido uma confusão. Nos Estados Unidos da América tivemos a WorldCom ou o Lehman Brothers, em Itália a Parmalat... Mas a contabilidade não é apenas lançar documentos, é interpretar a sua adequação

“Os pequenos interesses económicos foram sacrificados aos interesses e às fraudes da gestão”

“O português tem uma deficiência enorme: pensa muito melhor com a carteira do que com a cabeça”

“A contabilidade é muito vulnerável a práticas de cariz menos ético porque mexe com dinheiro”

à empresa, à evolução do mercado, à sua sustentabilidade. A informação também tem de ser sustentável. O lucro é real ou artificial? Tem natureza accidental ou é estrutural? Uma participação numa Oi vende-se por 7 mil milhões uma vez, não se vende todos os anos. É preciso interpretar e converter estes dados em informação para quem faz a gestão. Este é o mérito dos técnicos de contas.

Mas a questão que se levanta é essa. Como saber quando a contabilidade é ficcionada?

As pessoas vão começar a exigir maior rigor nesta informação contabilística, mais transparência. Atenção, isto não quer dizer que outros não a possam adotar. Não pense que no Banco Espírito Santo foi o contabilista que gerou esta confusão, até porque se fosse os auditores tinham a obrigação de a ter detecta-

do. E se calhar detectaram, mas isso é outra questão... O que quero dizer é que a ética e a deontologia da profissão estão a revelar-se cada vez mais fundamentais. Hoje todos querem e precisam de respostas, a começar pelos trabalhadores das empresas, que recebem um salário, dependem dele e têm todo o interesse em saber da sustentabilidade do seu posto, se vão continuar a ganhar aquele sustento para si e para as suas famílias. São respostas que uma empresa se recusa actualmente a dar aos interessados.

Hoje não são só os accionistas que pedem, é isso?

Sim. E cada vez mais há um aspecto comportamental, as pessoas querem tomar as suas decisões em consciência e para isso precisam de informação, de elementos fiáveis. Não é só quem investe num aumento de capital que perde com a falência de uma empresa, é também quem lá trabalha e todos os que dela dependem. Não podemos ver uma empresa numa óptica meramente económica, do quanto é que gastou e rendeu. Tem de ser vista também na sua função social. Isto quer dizer que a contabilidade tem de ser olhada como um sistema de informação capaz de transmitir este conhecimento e, preventivamente, reconhecer a existência de problemas.

Sabemos que muitas empresas não estão interessadas em fornecer essa informação. As pessoas querem realmente recebê-la?

As pessoas só percebem isto quando estão desempregadas, quando sofrem os horrores da miséria. O português tem uma deficiência enorme: pensa muito melhor com a carteira que com a cabeça. Não acredita no que lhe dizem, só acredita nos efeitos que os factos provocam no seu dinheiro. Quando não tem dinheiro para o café é que é a desgraça, mas enquanto vai tendo dinheiro para isso está tudo uma maravilha.

Fala-se numa justiça para ricos e numa justiça para pobres. Existe uma contabilidade para ricos e uma contabilidade para pobres?

A contabilidade é igual para ricos e pobres. Há só uma maneira, é cumprindo as nor-

mas internacionais de contabilidade ou aquilo que antes disso e ainda hoje chamamos os princípios contabilísticos.

Tal como como no direito...

A contabilidade é mais factual. Se existe uma factura de um vestido, o técnico tem de saber como classificá-la e pode até ter dúvidas. Se é uma empresa de bebidas, porquê uma factura de um vestido de 20 mil euros? Mas pode ser uma oferta do empresário a alguém que tem uma influência grande no seu negócio, não é proibido, não tem de ter uma relação directa com a geração dos proveitos, mas pode ter uma relação indirecta. Mas há um facto: um vestido que custou 20 mil euros.

O que quero saber é se a contabilidade é mais ou menos vulnerável a práticas de cariz menos ético?

Claro que a contabilidade é muito vulnerável a práticas de cariz menos ético, porque mexe com dinheiro. E o dinheiro é sempre uma tentação. Mas hoje esses processos são mais facilmente detectáveis, por isso há as auditorias e as peritagens. A contabilidade é um rasto, as coisas não se esfumam.

Os 14 milhões pagos pelo construtor civil a Ricardo Salgado podiam ter-se esfumado?

Acha que o senhor Ricardo Salgado alguma vez disse ao seu contabilista que recebeu 14 milhões? Só porque encontrou um elo mais fraco. Ele que engane alguns menos informados, aquilo foi por trás da cortina, de certeza absoluta. Porque se dissesse a primeira coisa que o contabilista lhe perguntava era: “de quê?” E a ele não conviria responder. Segundo: Ricardo Salgado neste aspecto foi demasiado infeliz. Devia ter assumido as coisas e dizer que, como recebeu no estrangeiro, não pensou que tivesse de declarar no sistema fiscal português. Podia fazer esta interpretação. Detectado o erro, corrigia e acabou. Só faltou dizer que o buraco nas contas do grupo também foi culpa do contabilista.

Não faltou, disse. Numa entrevista ao “Jornal de Negócios” responsabilizou o contabilista pelas irregularidades nas contas da ESI.

Das duas uma, ou os administradores são uns nabos, uns incompetentes, e então estavam no lugar errado a roubar, ou são mentirosos. Eu vou para a segunda: eles mentiram. Com tanta gente de permeio e ninguém sabia as regras? Com certeza alguém deu instruções, aquilo é uma empresa no Luxemburgo, ninguém

continua na página seguinte >>


 Zoom // Entrevista

>> continuação da página anterior

iria chatear e não estragava as contas de cá. Então mas temos administradores de empresas com tantos milhões de euros, que desempenham funções nos conselhos de administração, são gestores e não conhecem a legislação? É impossível, só um papalvo é que acredita nisso. É lançar areia para os olhos das pessoas.

Ao longo destas semanas temos vindo a ouvir declarações de administradores do BES, executivos e não executivos, que garantem que desconheciam a situação. É possível que não soubessem?

Por vezes há interesse em serem enganados. O Banco Espírito Santo, por aquilo que hoje se sabe, há muito que anda com enormes dificuldades. Isto não é uma coisa que aconteça de um dia para o outro, vem acumulando ao longo dos tempos. E há sinais. Enquanto outros bancos portugueses recorreram à linha de recapitalização pública, caso da CGD, do BCP, do BPI ou do Banif, o BES não quis utilizar esses capitais, porque não quis expor todos esses poderes, a deficiência que já se verificava na sua gestão. Naturalmente, se tivesse aceitado, os auditores do Banco de Portugal e o próprio BCE iriam detectar a situação de falência em que se encontrava. Atiraram para cima do contabilista, que não tem milhares de euros para pagar a um bom advogado para limpar o seu nome. E se calhar nem lhe interessa, porque depende do seu vencimento e o melhor é estar caladinho para ver se as coisas ainda continuam a rolar. E acaba por arcar com as culpas dos ignorantes, que são uns mentirosos.

Disse agora que o contabilista está dependente da empresa que lhe paga. Isto é válido para técnicos de contas, os auditores e os revisores. O governador do Banco de Portugal concorda que há um conflito de interesses...

O senhor governador do Banco de Portugal devia estar calado, porque sabe desta situação há muito. E como normalizador que é já há muito que deveria ter intervindo para os processos não evoluírem até onde evoluíram. Afinal é o regulador ou o que é? Como eu disse, estas coisas não aparecem do dia para a noite, vão-se formando. E vão-se aguentando até um determinado ponto e depois rebentam. O senhor governador do Banco de Portugal sabia que havia financiamentos do BES que estavam a ser desviados para as empresas do GES.

O conflito de interesses existe ou não?

Sim, e é tempo de reequacionarmos isso. A Ordem está pronta a fazê-lo. Do conhecimento que temos, estas situações não vêm da contabilidade, ou, por outra, podem vir, mas a coberto de outros comportamentos. Haverá culpas repartidas. No caso do BES estamos a falar de um somatório de erros que são de bradar aos céus, o que significa que não é um acidente, é uma coisa estrutural. Para isso não ter sido denunciado e corrigido quando devia há possivelmente comportamentos que vêm da própria auditoria. Na WordCom não eram os contabilistas que ficcionavam os clientes no estrangeiro, era a auditoria que mandava fazê-lo. O que pode é haver a convivência do contabilista, até por via da administração. As vezes há dificuldade na implementação da ética, porque está em jogo o trabalho das pessoas.

Como é que se pode garantir a independência?

Alguma coisa terá de ser feita. Pode ser o Estado ou os reguladores a garantirem, através de um mecanismo, o pagamento dos serviços de contabilidade e de auditoria. Para nós, o que seria importante era não ficar limitado às empresas cotadas, que são perto de mil. Isso não responde à nossa preocupação, que é bastante mais lata. A OTOC queria uma coisa mais popularizada, capaz de em tempo oportuno detectar mais rápida e eficientemente essas situações, permitindo tomar medidas imediatas. É claro que o impacto da falência do BES em Portugal é brutal, mas na minha terra uma empresa com 200 trabalhadores que abra falência tem um impacto terrível e é nesse sentido que temos de caminhar.

O que mais falhou no caso BES?

Há aqui coisas que não fazem sentido. Compreendo que o governador do Ban-

“Estas situações [BES] podem vir da contabilidade mas a coberto de outros comportamentos”

“Pergunto-me se não terá sido irresponsável o governo andar a alardear que o BES era um banco sólido”

Domingues Azevedo foi deputado entre 1983 e 1995, eleito pelo distrito de Braga. Em 1996 decidiu dedicar-se em exclusivo ao seu escritório de contabilidade, que mantém até hoje. O então ministro das Finanças, Sousa Franco, desafiou-o a presidir à comissão instaladora da nova instituição que iria regular a profissão. O destino trocou-lhe as voltas e acabou por, anos depois, liderar a OTOC

co de Portugal ou a ministra das Finanças não quisessem provocar uma corrida aos depósitos, mas tenho de me perguntar se não terá sido irresponsável o senhor primeiro-ministro, a ministra da Finanças e o senhor governador andarem a alardear aos quatro ventos que o Banco Espírito Santo era um banco sólido, solvente. Se tivesse dinheiro para investir, perante este discurso, o que faria? Todos sabiam que não era verdade, já tinham sido dados alguns avisos à navegação. Quando falta verdade, cai-se neste tipo de situações.

O que devia ter sido dito?

Que havia problemas e que iam tentar resolvê-los. E não entravam num discurso maravilha. Há formas de dizer isto às pessoas. Hoje os investidores podem pedir responsabilidades disto tudo. Os responsáveis não agiram bem. A própria regulação tem de equacionar melhor a forma como lida com estas questões, porque a forma como agiu não ajuda nada. Mesmo a criação do banco bom e do banco mau, e a maneira como foi comunicada, não se percebe muito bem. A falta de transparência deixa às pessoas um universo enorme para, com a sua criatividade e aquilo que ouvem, formarem a sua própria opinião.

Como é que saem disto a contabilidade, os técnicos de contas?

Naturalmente a contabilidade não sai bem disto, não saímos incólumes. Eu sei que não há ética de barriga vazia. E entre a fome e a ética a escolha é muito complicada. Todos sabemos a desproteção que a nossa lei laboral nos dá. É tudo muito bonito, mas ao mesmo tempo que se pede ética alteram-se as leis laborais e deixa-se o trabalhador na mão do empregador. Não se pode ficar assim tão desprotegido. Claro que a ordem apela à ética nos comportamentos, como apelamos à união entre contabilistas e auditores na defesa dessa ética. Mas ser herói e morrer de fome não ajuda.

Quando ouve dizer que isto não vai custar dinheiro aos contribuintes acredita?

Não me venham com falinhas dizer que isto não tem encargos para os contribuintes. Claro que vai ter. Este embrulho está muito bem feito, mas quando procuramos desembulhá-lo não conseguimos. Há muitas contradições e os cidadãos quando tentam perceber isto esbarram na primeira porta. Quem é que acha que vai pagar esta fava? Eu acho que vamos ser nós a pagar. Poderá não ser a totalidade, poderá não ser amanhã,

mas vai sobrar para os cidadãos. E tenho algumas dúvidas se não irão existir outros casos destes pela Europa: bancos ingleses, alguns alemães e até alguns nossos vizinhos.

Falou na divisão dos activos e nos tribunais. Está criado um imbróglho jurídico?

Todo este processo está legalmente muito confuso. Alguém entrou dentro do BES e disse: tu vais para o BES mau e perdeste tudo o que tinhas e que sustentou a tua decisão de investimento, que agora é meu, do banco bom. A isto chama-se apropriação e é crime. Vai tudo para os tribunais, não está fechado o ciclo. E é muito mais grave do que parece, porque as pessoas começam hoje a dizer que isto não tem salvação, nem na palavra do senhor primeiro-ministro podem acreditar. E penso que nalgumas situações vamos voltar a meter o dinheiro debaixo do colchão. O impacto que isto tem na vida das pessoas é muito negativo, frustraram-lhes as expectativas. Afinal, quanto vale a sede na Av. da Liberdade, quanto valem os equipamentos informá-



«A contabilidade ainda continua a ser o melhor meio para avaliação e expressão do estado económico e financeiro das empresas.»

Domingues Guedes



ticos, o pessoal, o know-how, a marca, tudo o que o BES tem pelo país? Isso fez parte do seu juízo de investimento e esses valores teriam de ser rateados. Ainda vai dar que falar e vai sobrar para o cidadão. Dez mil milhões para o BCE? A linha da troika eram 12 mil milhões. Acho que é outra vez forçar a nota e mentir às pessoas.

Manteve amigos na Assembleia da República?

A Assembleia da República é uma experiência maravilhosa para qualquer pessoa que goste de trabalhar, porque anda ali muito deputado que não gosta nem nunca soube o que é trabalhar. Nos 12 anos que lá estive aprendi muito. Mantenho contactos, fazemos jantares, mas pouco falamos sobre política.

Vai votar em António Costa ou em António José Seguro?

Não me quero manifestar nesse sentido, mas acho que António Costa constitui uma nova esperança para os socialistas. O PS vai ganhar as próximas legislativas?

Vai ganhar.

Podia ganhar com Seguro?

Acho que poderia ganhar com Seguro, mas muito à tangente. A esperança de mudança com Seguro morreu com as eleições europeias. Dito de outra maneira, as pessoas querem uma coisa diferente e em que acreditem. António Costa tem isso. António José Seguro é um excelente moço, muito trabalhador, mas a Comunicação Social não está com ele,

“Tenho algumas dúvidas se não irão existir outros casos destes [bancos falidos] pela Europa”

“Na política ganham aqueles que têm a virtude de criar nas pessoas a esperança de que serão melhores”

enquanto António Costa tem, como se diz, boa imprensa. E tem outra experiência, foi ministro, presidente de câmara... E penso que constitui esse tal complemento de esperança, o que não quer dizer que seja melhor. Mas nem sempre na política ganham os melhores, ganham aqueles que têm a virtude de criar nas pessoas a esperança de que serão melhores.

O PS ganhará com maioria ou terá de se aliar?

A grande questão é essa. Temos uma experiência muito negativa e temos agudizado excessivamente algumas questões que, depois, não deixam a porta aberta para se avançar com entendimentos. Aquela negação permanente de Sócrates em fazer coligações foi um erro terrível, porque o país já estava em dificuldades. Se se tivesse aberto a porta a um entendimento com o PSD, por exemplo, as coisas poderiam ter sido amenizadas. É a ânsia do poder, que também existe hoje no Partido Socialista, não vamos dizer que foi apenas no PSD.

Chegou a estar com Passos Coelho na

Assembleia da República, em bancadas opostas. Como e vê como primeiro-ministro?

Penso que o nosso governo não tem conduzido bem as coisas, tem tido algumas situações de protecção excessiva do capital. E alguns comportamentos perigosos para o futuro no que diz respeito ao relacionamento com os cidadãos, comportamentos que indiciam uma espécie de desleixo dos direitos dos cidadãos. Esta foi a minha grande decepção com Passos Coelho. Não tanto pela questão económica, aí pouco poderia fazer, a não ser não ter sobrecarregado tanto os rendimentos do trabalho, por exemplo, que foram os grandes sacrificados neste processo. Poderia ter tentado repartir as dificuldades financeiras por outras classes de rendimentos e explicado. Mas, uma vez mais, não se explica nada. Segundo, o que se passou com a reforma de IRC foi um favor feito a amigos. Isto foi para beneficiar os grandes grupos empresariais, não foi para beneficiar o pequeno ou o médio empresário. Esse, pelo contrário, foi prejudicado.



Entrevista a Domingues Azevedo

BASTONÁRIO DA ORDEM DOS TÉCNICOS OFICIAIS DE CONTAS

“Ou os administradores do BES eram nabos e incompetentes ou eram mentirosos” // PÁGS. 20-23

